

## Prefácio do livro

**MALTA, C. V. M.**. A (In)visibilidade de Crianças e Adolescentes: o avesso da regulação social do estado e os caminhos de resistência. 1. ed. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2009. v. 300. 280p

Nos dias de hoje, regados pelo conformismo, melhor ser D. Quixote que Sancho Pança. Nas últimas páginas da obra prima de Cervantes, o reconhecimento pelo "Cavaleiro da Nobre Figura" de que sofrera de uma "loucura" provocada pela leitura dos livros de cavalaria, não é um saudável alerta, ainda mais para os nossos dias, de como a busca do "impossível" pode conduzir ao seu oposto, a um resignado conformismo com o mundo em que se vive? Não é assim que muitos nobres Quixotes se converteram, sob nossos olhos, em Sanchos que, de tão putrefatos, sequer conseguem – como o Sancho original – se colocar a serviço da grandeza de um ideal, ainda que "impossível"? Nossos Sanchos talvez sequer sejam capazes do olhar de horror do Sancho de Cervantes ao ver os livros de cavalaria sendo queimados sob a janela de D. Quixote. É bem possível que, como cristãos novos, viessem até mesmo a aplaudir as labaredas. Sancho e D. Quixote balizam a trajetória quase universal de ideais e de seus portadores em tempos reacionários: ou os indivíduos se rendem ao "real", ou se elevam para além dele por uma consciência que, se não é capaz de transformar o mundo, ao menos é capaz de entender de onde advém essa incapacidade. Ao se renderem ao real, os indivíduos são aprisionados pelo individualismo burguês, são atados à mercadoria com correntes mais fortes que aquelas que prendiam Prometeu ao seu rochedo – e perdem sua substância. De Quixotes, involuem para aquém de Sancho: convertem-se em serviçais da desumanidade "real".

D. Quixote, todavia, não necessariamente termina em sub-Panchos. Mesmo em tempos contra-revolucionários. Ao não se resignar nem com o estado desse mundo, nem com a incapacidade em transformá-lo, é possível explicitar na vida uma substância mais humana ao tentar compreender tal mundo e tal incapacidade. E um tal empreendimento, necessariamente permeado por acasos e, também, por momentos nos quais escapa a consciência, é obra de toda uma vida.

Este é precisamente o caso do livro de Cláudia Malta, \_\_\_\_\_. Ele é o relato de como o que poderia ser o cenário de uma vida nobre que se esgota no conformismo, se converteu em uma trajetória intelectual das mais ricas. A rebeldia dos anos de 1970-80 não esmoreceu ao longo de décadas de projetos e tentativas frustradas no seu objetivo de retirar as meninas e meninos das ruas; a persistência não levou à "aceitar as regras do jogo para se conseguir algo", como acontece com tanta frequência. Pelo contrário, ganhou maturidade e levou à busca das raízes mais profundas dos fracassos de *todos* os projetos ao longo de décadas. E, assim, o texto, além de ser o relato de tantas lutas, é também uma reflexão das causas mais profundas de tantas derrotas. O "caso" das crianças de rua de Maceió recebe seu estatuto ontológico preciso: é a manifestação em uma cidade das leis mais gerais da acumulação do capital. As crianças não podem ser retiradas das ruas, nem em Maceió nem no restante do planeta, porque este é um imperativo da própria reprodução do capital: o exército industrial de reserva tem nas crianças e adolescentes de rua seu estrato inferior.

O espírito democrático, radical e popular dos anos de 1980, que marca o início das experiências narradas, vai passando pelo rigoroso crivo da avaliação que brota da prática cotidiana. A ilusão de que a democracia levaria à melhoria das condições de vida dos trabalhadores e que implicaria uma nova situação para as crianças abandonadas nas

ruas, desvela-se enquanto a mera ilusão que sempre foi. O texto, então, ganha um tom de autocrítica que é, sem dúvida, parte da melhor consciência de toda a geração de lutadores que chega, na primeira década do século XX, ao seu meio século de vida: apesar da dedicação, dos esforços, dos sacrifícios, fomos derrotados e vamos transmitir à próxima geração um mundo muito pior do que nos propusemos. E, novamente, a crítica teórica arguta da autora demonstra que uma das causas mais profundas dessa derrota reside nas ilusões democráticas de que seria possível um capitalismo "mais humano".

Para investigar essa impotência histórica a autora assume o embate com vários dos teóricos mais representativos dessas ilusões: Rosanvallon, Castel, Salama e Valier. O livro é um estudo primoroso, uma leitura imanente competente, que desvela ao leitor o essencial da proposta de cada um desses autores. Demonstra como as suas propostas não vão além de regulamentações novidadeiras que apenas poderiam atingir seu objetivo se o Estado não fosse o que é: o instrumento da classe dominante para oprimir os trabalhadores. De que adiante solicitar a esse Estado que cuide das crianças de rua se são elas necessárias para a reprodução do capital? É aqui que o texto recupera as teses mais avançadas da discussão contemporânea, não apenas retornando a Marx, mas ainda se apropriando do fundamental de István Mészáros. Em período de crise estrutural, a "produção destrutiva" tem no olhar embaçado pelo crack e pela cola de sapateiro das crianças nas ruas uma sua obra prima. A fala confusa e desarticulada das crianças drogadas e prostituídas recebe o seu significado histórico mais profundo: é o indizivelmente desumano que apenas pode ser explicado pela infinita desumanidade do mundo em que vivemos. Que "discurso" poderíamos esperar de seres humanos reduzidos à condição inferior de um animal de carga, ou de um bicho "de estimação", senão as palavras embargadas pela "nóia"?

Ao final, o livro se revela a realização plena do que deveria ser todo "estudo de caso", tão caro à profissão do Serviço Social. Articula o caso singular das ruas de Maceió com a universalidade do sistema do capital, demonstra o sentido e o significa que as políticas públicas podem ter nesse contexto histórico, desvela os limites da luta que "ao menos" busca conseguir tirar pouco mais de quarenta crianças das ruas sem superar o capital. Na história, ao contrário do que se imagina, quem não pode o mais também não pode o menos: é possível superar o capital, é impossível retirar as crianças da rua sob o capitalismo. Limitar-se ao "ao menos", independente das intenções, tem sempre o mesmo significado histórico: retirar as potências transformadoras das lutas ao pautá-las em ilusões que, concomitantemente, abandonam o terreno do historicamente viável pelo rigorosamente impossível.

Este é um livro que merece ser recebido com reverência: o que o leitor irá encontrar é algo raro, precioso. Que Cláudia Malta tenha dedicado a defesa de sua tese às crianças assassinadas pelo Estado ou com a conivência do Estado é um detalhe que, tal como seu estudo de caso, desvela a essência do todo. A essência de uma personalidade que se fez mais humana ao desvelar os fundamentos da desumanidade que nos cerca; uma individualidade que se fez mais autêntica e genérica ao combater as ilusões que brotam da impotência prática para se superar a miséria; uma orientanda que transformou o mestre em reconhecido e grato aprendiz.

Não há lugar a dúvidas: trata-se de um texto fundamental!

Maceió, junho de 2008.

Sergio Lessa

